

TECNOLOGIAS MÓVEIS E CURRÍCULO: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS EM REDE SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Karina Ketlen de Sousa Fernandes (1); Isrhael Mendes da Fonseca (2); Tatiana Paz Longo (Orient.)

Universidade Estadual do Ceará, karina.fernandes@aluno.uece.br

Universidade Estadual do Ceará, isrhael.mendes@aluno.uece.br

Universidade Federal do Ceará, tatianaspaz@gmail.com

Resumo: Os processos de ensino-aprendizagem estão em um constante processo de transformação, não estão restritos ao contexto escolar e podem criar conexões que estão para além dos muros da escola. A Cibercultura é um exemplo de espaço que proporciona aos praticantes variados espaços de trocas de saberes e conhecimentos. Diante disso, o presente trabalho objetiva apresentar as vivências de um projeto educacional baseado em ações ativistas protagonizadas por 3 vlogueiras negras no Youtube. Evidenciando o uso de construções autorais em rede a respeito das relações étnico-raciais como estratégias didáticas. As ações foram desenvolvidas numa escola da rede pública de ensino de Fortaleza-CE. Para tanto, metodologicamente, adotamos os pressupostos de pesquisa de cunho qualitativo, com o caráter etnográfico, e organizamos a pesquisa em três etapas: a) análise das trocas comunicacionais das vlogueiras; b) elaboração de uma proposta pedagógica pautada nas observações em rede; c) compreensão do processo de aprendizagem em rede vivenciado pelos estudantes tendo como base as construções dos vídeos. Concluímos que as ações realizadas constituíram vivências políticas e autorais relevantes tanto para os educandos quanto para as pesquisadoras, despertando nos alunos uma postura investigativa, dialógica, autoral e de cooperação, cujas aprendizagens estendem-se para além do contexto da escola e da temática racial, permeando também o debate de classes e de gênero.

Palavras-Chave: Ciberativismo; Relações étnico-raciais; Currículo.

1. Introdução e Revisão de literatura

Os impactos da cibercultura na sociedade contemporânea revelam que a técnica não obedece a uma lógica simples de substituição da máquina pelo homem, como se pensou a partir da apropriação moderna dos meios técnicos. De acordo com Lemos (2010), a cibercultura, ainda que em sintonia com os parâmetros da racionalidade moderna, potencializa certo vitalismo social, para o autor, a cibercultura criou possibilidades de reencantamento através de agregações eletrônicas e de um novo fazer artístico por meio das tecnologias digitais.

No contexto de mobilidade e conexão Santaella (2007) afirma que, as tecnologias móveis sem fio proporcionam mudanças nas relações entre pessoas, espaços, e possibilitam também novas formas de narrar as experiências sociais, culturais, políticas, etc. As pessoas criam seus próprios espaços de fala, narrando seus dilemas sociais, políticos e culturais com os seus dispositivos portáteis, e vivenciam uma apropriação social das tecnologias móveis (LEMONS, 2007). De acordo com Castells (2013) as redes horizontais de comunicação multidirecional e interativa, na internet, principalmente as atuais redes de comunicação sem fio, tornaram-se o novo contexto em que os movimentos sociais do século XXI se constituem.

Neste sentido, compreendemos que as redes mencionadas, tornaram-se um novo contexto de ativismo de mulheres negras, através das quais estas constroem novas narrativas sobre as relações étnico-raciais, especialmente sobre a identidade estética da mulher negra. Estas ações acontecem em um contexto em que a construção histórica do racismo apresentou um processo de dominação política, econômica e cultural em que pessoas negras sofreram e sofrem discriminação por pertencer a este grupo étnico/racial (GOMES, 2002). Dessa forma, o corpo de pessoas afrodescendentes têm sido historicamente objeto de discriminação, mas também espaço de construção política.

Sendo assim, este trabalho questiona como estas práticas, forjadas no ciberespaço, tencionam o currículo escolar de uma escola municipal, no que diz respeito ao trabalho pedagógico com conteúdos voltados para a discussão sobre as relações étnico-raciais. Assumimos, assim, uma visão de currículo que supera a ideia de que a escola e a universidade são os únicos espaços de ensino e aprendizagem. Compreende-se currículo como uma construção social e cultural produzida na escola em comunicação com outras redes educativas, tecido em rede nos cotidianos.

Com a perspectiva de ativismo dentro das redes sociais, o ciberespaço tornou-se um contexto para a construção e divulgação a respeito da história e cultura afro-brasileira. Dessa forma, com o movimento coletivo, casos de preconceito racial são denunciados em rede, e no mesmo

espaço, grupos se organizam e fazem resistência aos atos discriminatórios que acontecem na “web” e em outros locais da sociedade.

Visto isso, o presente trabalho tem por objetivo compreender como experiências de aprendizagem em rede, protagonizadas por jovens negras, acerca do debate sobre o empoderamento da estética negra e das relações étnico-raciais, mediadas pelos dispositivos móveis, podem ser aplicadas ao currículo escolar, assim como suas contribuições para a descolonização de processos formativos.

A conjuntura curricular educacional atual, experimenta um momento singular. É notório o interesse das ciências humanas e sociais na discussão de temas relacionados a legitimação do pluralismo cultural, multiculturalismo e ou diversidade cultural. Nesse cenário, o campo educacional se propõe a sistematizar saberes teóricos e práticos a respeito dos temas mencionados e de maneira ainda sensível e conflituosa realiza aplicações de tais saberes em documentos referentes a políticas de currículo nacional.

Todavia, Lopes (1999) nos informa que a formulação dos documentos citados é realizada de forma paradoxal, haja vista que essas políticas têm por objetivos organizar modelos de conteúdos básicos e comuns, como também procedimentos de avaliação nos resultados das escolas, a exemplo disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) referentes ao ensino fundamental caracterizam a diversidade cultural como um conteúdo transversal a ser aplicado em diversas disciplinas. Outro documento que referencia a diversidade cultural de maneira sincrética foi lançado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) em 1998 dissertando sobre a reforma do ensino médio, evidenciando a dicotomia existente entre a diversidade cultural brasileira e a busca por padrões de conteúdos e aprendizagens,

“Como expressão de identidade nacional a estética da sensibilidade facilitará o reconhecimento e valorização da diversidade cultural brasileira e das formas de perceber e expressar a realidade próprias dos gêneros, das etnias, e das muitas regiões e grupos sociais do país.” (p.22).

A formulação e a reformulação de documentos que versam a respeito da diversidade cultural são pautadas nas proposições da Organização das Nações Unidas (ONU), que instituiu o ano de 1995 como “o ano das nações unidas em favor da tolerância” (Resolução 48/126), tencionando o combate aos

atos de intolerância, violência, terrorismo, xenofobia, nacionalismo agressivo, racismo, anti-semitismo, exclusão, marginalização e discriminação contra minorias nacionais, étnicas, religiosas e linguísticas, refugiados, trabalhadores migrantes, imigrantes e grupos vulneráveis [...] (UNESCO, 1995, tradução nossa).

Nesse cenário, nos deparamos com reivindicações curriculares de inserção do ensino de História e Cultura Afro Brasileira nas escolas de educação básica. Sendo assim, os movimentos sociais experimentam um momento de ascensão de seus debates e de visibilidade dentro da esfera social, grupos sociais e étnicos de minorias exploradas enfrentam um movimento de chamar a atenção do campo educacional para questões de classes, gênero e etnias, esta última será tratada neste trabalho.

A falsa democracia racial supramencionada refere-se a construção estereotipada e racista de ser negro, pois, a imagem construída diversas vezes idealiza o homem e a mulher negra numa condição de inferiorização diante de pessoas não-negras. A implementação de debates a respeito das relações étnico-raciais na educação brasileira, ainda persiste com a problemática de uma falsa "democracia racial" que permeia os materiais didáticos, o espaço escolar, as relações interpessoais dentre outras questões didáticas e pedagógicas dispostas para os educandos da escola pública e privada.

A dominação etnicorracial dos conteúdos escolares entra em desacordo com o Art. 7, inciso V, das Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, que evidencia as contribuições e relevâncias de desconstruir posturas racistas e construir imagens críticas e cientes da militância negra no Brasil.

Portanto, é importante que as instituições de ensino construam e entidades competentes pensem um currículo multireferenciado levando em consideração a formação de sujeitos que ensinam e aprendem dentro de suas singularidades de aprendizagem e sociocultural. A passagem do currículo que pensa a formação humana de maneira fragmentada, reduzida e homogeneizada demanda uma mudança que pense a sociedade como um ambiente complexo e a formação está imersa e necessita de atenção nos aspectos biológicos, histórico, psíquico, etc (MORIN, 2000; ARDOINO, 1998).

O currículo multireferenciado compreende que corporeidade negra, cognição, política e sociedade como parcelas que compõem os processos educacionais, e afirma que não deve existir segregação de exclusão de determinados conhecimentos, saberes e culturas, diferente disso, é preciso entender que existiu um processo colonização de povos, conhecimentos, culturas que

acabou por marginalizar os movimentos de resistência ao processo de hierarquização de saberes e culturas, sendo assim

Processo esse que ainda precisa ser rompido e superado e que se dá em um contexto tenso de choque entre paradigmas no qual algumas culturas e formas de conhecer o mundo se tornaram dominantes em detrimento de outras por meio de formas explícitas e simbólicas de força e violência. (GOMES, 2012 p.102).

A compreensão do currículo como base de formação para todos os sujeitos envolvidos nos processos educacionais é uma construção da contemporaneidade. Esta construção coloca em pauta a complexidade e a diversidade, percebendo que por intermédio do currículo multicultural as intervenções pedagógicas desenvolvidas em sala podem desenvolver conhecimentos capazes de contribuir com a educação de qualidade, com a participação direta indagadora, direta e indireta dos estudantes.

A educação atual vive um momento ímpar, quando nos referimos aos avanços das plataformas de trocas comunicacionais, pois os dispositivos móveis estão sendo utilizados para o intermédio das relações sociais atuais. Este ambiente de conexões online é nomeado Cibercultura, de acordo com Pesce (2011), estas relações em rede podem intensificar a melhoria da qualidade educacional uma vez que, viabiliza trocas de sujeitos pertencentes a diferentes culturas e que compartilham da mesma vivência sócio-histórica, trabalha com diferentes linguagens (ex.: textual, imagética, sonora etc), interação e co autorias dialógicas por intermédio dos dispositivos.

A percepção de que os espaços midiáticos estão formando produtores e leitores de textos são mobilizados, mobilizados pelo desejo e prazer de conectar-se e legitimar suas contribuições nos processos formativos vivos (ALVES. L. HETKOWSKY, T., 2012). Em referência aos conteúdos, muitas vezes os esquemas de divulgação e as estruturas são pouco elaboradas, no entanto, a vivência como fundamentação dos discursos disponibilizados em rede os torna complexos, criativos e pautados na realidade.

Tendo em consideração um currículo que reflita a diversidade racial, de gênero, econômica dentre outras, é relevante pensar que o desenvolvimento das capacidades dos educandos se dá em suas ações em sociedade, levando em conta o ambiente sócio-técnico, também como promotor de desenvolvimento de aprendizagens.

Diante disso, construímos apontamentos sobre o fazer ativista no Youtube de três vlogueiras negras acerca da identidade do cabelo crespo, propondo uma análise sobre como esta prática pode

ser aplicada na escola para a formação de uma rede de aprendizagem acerca das identidades e relações étnico-raciais.

2. Material e Métodos

A trajetória metodológica delineada para o desenvolvimento desta pesquisa foi uma abordagem qualitativa. As epistemologias qualitativas estão interessadas no universo dos sentidos, dos significados, dos símbolos, dos mitos, das representações, do imaginário, que não podem ser compreendidos por lógicas duras, laboratoriais. Os âmbitos qualitativos apresentam uma complexidade que pode ser contemplada a partir de um olhar hermenêutico (MACEDO, 2010), através do qual, produzimos interpretações que não são totalizantes ou generalizáveis para qualquer contexto, história ou cultura.

A respeito aos procedimentos, essa pesquisa teve um caráter etnográfico (GEERTZ, 1989) produzindo uma descrição densa sobre as produções narrativas em rede e a vivência pedagógica na escola. A base etnográfica desta pesquisa foi orientada pela etnografia crítica. A partir dela, compreendemos que, para conhecer o outro, é necessário o exercício sensivelmente difícil de sairmos de nós mesmo, revirando e suspendendo ideias e conceitos, estabelecendo uma experiência relacional de intercricidade. (MACEDO, 2010).

As principais técnicas de pesquisa utilizadas nesta investigação contaram com a análise de conteúdo, observação participante e grupo focal. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram elaborados instrumentos de pesquisa como roteiro de observação e grupo focal e o lócus da investigação foram 3 canais no Youtube e a escola municipal de Fortaleza.

Esta pesquisa foi organizada em três etapas: a) análise das trocas comunicativas na produção de narrativas sobre as relações étnico-raciais no Youtube; b) desenvolvimento de uma proposta pedagógica baseada nas experiências observadas em rede; c) compreensão do processo de aprendizagem em rede vivenciado pelos estudantes tendo como base as construções dos vídeos.

- a) **análise das trocas comunicativas na produção de narrativas sobre as relações étnico-raciais no Youtube;**



As trocas comunicacionais observadas evidenciam processos de formação e ativismo que se estendem para além das redes sociais, este fato é evidente quando as vlogueiras relatam a participação em eventos acadêmicos/culturais que dissertam sobre a temática das relações étnico-raciais. O conteúdo visto nos vídeos é organizado previamente, durante suas falas elas mencionam que para produzir os vídeos precisam de leituras pesquisas bibliográficas para fundamentar suas falas e vivências.

Além do arcabouço teórico as meninas nos contam que a elaboração do conteúdo também conta com as pesquisas e narrativas vistas em rede, evidenciando assim que existem trocas e construções de saberes efetivas nas plataformas em rede. Portanto, as vlogueiras percebem a necessidade de fazer análises dos conteúdos disponibilizados nas redes sociais, do aporte bibliográfico sobre os temas e as narrativas pessoais e de seus seguidores.

Foi perceptível durante a análise dos vídeos, que as narrativas das vlogueiras é desvalorizada pela sociedade em geral, o argumento é que o assunto não serve para movimentar a sociedade. Estes argumentos perdem sua veracidade quando vlogueiras e seguidores afirmam que o processo de emancipação dos referenciais embranquecidos e o combate ao racismo mudaram suas vidas, transpassando questões de autoestima e permeando posicionamentos políticos e sociais, é importante dizer que uma bandeira levantada pelas vlogueiras é que o acesso a tais conhecimentos sejam disponibilizados desde a infância e não somente em ambiente virtuais ou no âmbito acadêmico.

b) desenvolvimento de uma proposta pedagógica baseada nas experiências observadas em rede;

As propostas dos vídeos elaborados pelas vlogueiras é dividido em etapas, são elas a historicização do tema, a narrativa de sua experiência, a fundamentação teórica e construção do vídeos, sendo assim, a nossa proposta pedagógica obedeceu estes aspectos.

- I. **Historicização:** Levamos para os estudantes a música “Mulheres Negras” de Yzalu, tal música traz elementos históricos sobre o processo de escravização da população negra até as vivências de racismo atuais.
- II. **Experiência Pessoal:** Realizamos uma roda de conversa para falar sobre o racismo, colocando-os para questionarem se já estiveram no papel de oprimido ou de opressor, durante a roda de conversa alunos de etnia negra se emocionaram e relataram o quanto era doloroso estar no lugar de oprimido.
- III. **Fundamentação Teórica:** Levamos a música “Boa Esperança” e a partir dela levamos dados sobre homicídio, população carcerária, desemprego da população negra, além disso levamos homens e mulheres negras reconhecidos que trazem grandes contribuições para nossa sociedade, a maioria dos alunos não reconhecia as pessoas que referenciamos.
- IV. **Construção do vídeo:** Esta etapa foi realizada em duas fases, a primeira consistiu na elaboração de um roteiro, inicialmente fizemos uma aula sobre como organizar e elaborar o roteiro, posteriormente com os grupos formados fomos ajudando-os a colocarem no papel suas idéias. Posteriormente os alunos optaram por construir os vídeos em suas casas pois a escola não disponibilizou tempo livre e nem o equipamento para todas as equipes.

c) compreensão do processo de aprendizagem em rede vivenciado pelos estudantes tendo como base as construções dos vídeos.

A implementação dos conteúdos vistos nas redes sociais, promoveram com inserção de de novas linguagens e contextos virtuais promoveram a vivência com as novas tecnologias promovendo para o aluno o espaço de sujeito ativo nas construções dos conhecimentos abordados pelas vlogueiras, nossa contribuição enquanto educadoras foi orientar o aprendizado dos mesmos.

Percebemos que a ideia de aprendizado em rede aconteceu de forma efetiva, tal fato foi perceptível a medida em que houve a associação de experiências pessoais de alunos negros com as experiências coletivas do grupo, o ambiente de colaboração visto entre as vlogueiras e seus

seguidores foi vivenciada pelos educandos. Os alunos tiveram autonomia de incorporar seus projetos pessoais com os projetos de outras equipes, este fato é mais um reforço da aprendizagem em rede.

Os temas atenderam ao tema relações étnico-raciais e em sua maioria foram inspirados nas abordagens das vlogueiras. A linguagem oral, imagética, musical também foram usadas nos vídeos, mostrando que com as tecnologias os diferentes tipo de linguagens podem ser explorados com facilidade.

3. Resultados e Discussão

3.1. Ativismo protagonizado por *youtubers* negras e processos formativos

A respeito dos resultados da aproximação etnográfica no campo da pesquisa: três canais de vlogueiras no Youtube e uma escola pública situada na periferia de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Os vídeos publicados nos *vlogs* e analisados versam sobre experiências pessoais de 3 vlogueiras negras¹ - sujeitos da pesquisa.

As principais características da ação das vlogueiras no Youtube, se referem as suas experiências enquanto mulheres negras, trabalhando com temas relacionados e sobre o feminismo, colorismo, racismo e machismo são bastante produzidos, quando não são a pauta principal aparecem como subtemas, isso se dá pelo fato das narrativas serem direcionadas por suas vivências, isso que dizer que são mulheres que combatem ao mesmo tempo o machismo, o racismo e o eurocentrismo.

As narrativas contadas pelas vlogueiras indicam que “o processo de formação torna-se uma longa busca de si em um mundo que demanda uma forte consistência pessoal para enfrentar os desafios que cada um deve encarar na sociedade atual.” (DOMINCÊ, 2006, p. 345).

De acordo com Santana (2012), o Youtube possibilita a vivência de processos criativos, que permitem ao sujeito elaborar a sua tessitura discursiva dentro de um coletivo humano, que encontrará seu melhor sentido nas múltiplas leituras que outros construirão. A observação dos canais do Youtube das vlogueiras supramencionadas indicou que a produção e circulação dos vídeos neste espaço é mediada pelos dispositivos móveis que compõem as ferramentas de produção das mesmas – câmeras fotográficas, *tablets*, *smartphones*, que se apropriaram das possibilidades

¹ A identidade destas *youtubers* será preservada por motivos éticos.

autorais proporcionadas pelos aplicativos móveis e fazem circular narrativas que compreendem políticas fundamentais para a construção de um novo discurso sobre a estética negra.

3.2. Relações étnico-raciais no contexto escolar: desafios e possibilidades

No que se refere às relações étnico-raciais, os professores relataram significativa dificuldade do corpo docente em elaborar práticas pedagógicas que considerem o referencial de representatividade do povo negro. Segundo eles, os conteúdos trabalhados sobre o continente africano são em sua maioria sobre música e culinária, sendo que, os mesmos são trabalhados na perspectiva do exotismo.

Os docentes revelaram ainda que a religiosidade africana é extremamente velada por uma significativa parcela de professores e gestores do colegiado da escola. Segundo eles, estes professores ignoram a importância da cultura e da religiosidade africana presente em diversos aspectos da sociedade em questão. Nesta fase da pesquisa, diante da lacuna apresentada pelos professores, lançamos a proposta, aos mesmos, de elaborar estratégias pedagógicas e intervenções, que tomaram como referência a estrutura narrativa, construída pelas youtubers negras.

Neste sentido, a construção e organização das narrativas foram aplicadas em sala e desenvolvidas a partir do planejamento e discussão com os educandos, dessa forma, oportunizamos aos estudantes conversas, oficinas, debates e a construção dos vídeos sobre hierarquização dos cabelos lisos, espetacularização da estética negra, empoderamento da estética negra, colorismo, racismo, militância negra, apropriação cultural; os mesmos mostraram interesse pela temática e, especialmente, estudantes do gênero feminino expressaram identificação com as vivências das vlogueiras, no que se refere à construção da identidade estética.

Os alunos ficaram bastante entusiasmados com a experiência, propuseram os temas das aulas, mencionaram que suas idéias e curiosidades foram construídas a partir das redes sociais, mencionaram como ambiente de construção o Facebook e o YouTube. Durante as atividades, estudantes de pele negra relataram episódios de racismo, tema este que foi trabalhado dentro das discussões.

4. Conclusão

Neste estudo, foi possível perceber que as narrativas construídas pelas vlogueiras se fundamentam nas suas experiências, a medida em que seus vídeos são norteados por propostas de seus seguidores e fundamentados em suas experiências e construções teóricas, este fato foi

perceptível pois em seus diálogos elas sempre mencionam que, sua negritude é aquilo que elas de fato são e como a sociedade as enxerga, portanto verificamos a relevância de combater o racismo na atualidade e problematizar as práticas historicamente construídas.

A observação no contexto da escola revelou que os professores demonstram ter dificuldades e resistências para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que contemplem a história e a cultura afro-brasileira nas escolas. Estas dificuldades revelam uma lacuna na formação dos docentes em questão, porém foi percebido que os mesmos mostram interesse em construir novos sentidos para o ensino da história e da cultura afro-brasileira.

Após as intervenções os alunos relataram que muitas das situações de racismo vivenciadas passavam despercebidas, alguns relataram que já estiveram no lugar de agressor ou de agredido e que isso lhes causou sentimento de desconforto e de impotência. Os relatos sobre as aulas foram de agradecimento e de reafirmação da importância de tais debates, muitos mudaram suas posturas e disseram que as relações atitudinais em sala estavam diferentes em sala, não somente no que se refere às relações étnico-raciais, com também de gênero e sexualidade.

Estes cenários, observados no Youtube e na escola em questão, evidenciam possibilidades de intersecção entre processos formativos gestados em ambientes não formais e em contextos formais de educação, à vista disso, evidenciamos as trocas comunicacionais iniciais que os professores tiveram com os educandos, que participaram e contribuíram com falas sobre o tema, demonstrando identificação com o assunto. Sendo assim, conclui-se que o ativismo em rede articulado pelas vlogueiras negras, sobre a construção da identidade da mulher negra e o combate ao racismo, indicam a necessidade de criar espaços em que o estudante seja protagonista na produção do conhecimento, em especial, de conteúdos que possuem relação direta com as suas histórias de vida.

5. Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicação móvel e sociedade: uma perspectiva global**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

_____. **Redes de Indignação e Esperança** - Movimentos Sociais na era da Internet, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de belo horizonte**. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo, 2002. 449p.

LEMOS, A. Mídia Locativa e Territórios Informacionais. In: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila. **Estéticas Tecnológicas**”, 2007.

MACEDO, Roberto Sidney. **Compreender/Mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2010._____. **A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal?** Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP Volume II Número 1, 2010. (p.17-22)

SANTANA, Leonardo Silveira **A Autoria no YouTube**: Um processo formativo Contemporâneo. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2012.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim G. (org). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Pluralismo Cultural em Políticas de Currículo Nacional. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org.). Currículo: Políticas e práticas. - Campinas, SP: Papirus, 1999. - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

MOREIRA, A; TADEU, T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, A; TADEU, T. (orgs). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO (1998). Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio. Parecer n. 15 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, Brasília.

UNESCO. Declaration of principles on tolerance, 1995. Disponível em: < http://www.unesco.org/webworld/peace_library/UNESCO/HRIGHTS/124-129.HTM > Acesso em: 16 de janeiro de 2017.